



ALÉM DO SIM E DO NÃO: Desafios teóricos para a compreensão da negociação, decisão e comunicação do consentimento sexual

DOI: 10.22289/2446-922X.V11A1A32

Sergio Fernandes Senna Pires¹

RESUMO

Neste artigo, exploramos os aspectos multifacetados do consentimento sexual, examinando suas bases para o estudo teórico, os fundamentos emocionais e as dimensões práticas, sob a perspectiva da negociação. Destacamos a crítica importância desse tema, para o que defendemos o reconhecimento da necessidade da realização de uma análise abrangente que integre os marcos emocionais, culturais e jurídicos. Essa abordagem integrativa é proposta para examinar como discrepâncias ou interpretações equivocadas na negociação do consentimento podem potencializar a ocorrência de incidentes de violência sexual. Argumentamos que compreender o consentimento como um princípio fundamental da interação, é essencial para a prevenção da violência sexual. Nossa análise aborda o surgimento desse tipo de violência, atribuindo-o não apenas às dinâmicas de poder prevalentes, mas também a deficiências na negociação e articulação do consentimento. Discutimos a influência das respostas emocionais nos processos de tomada de decisão relacionados ao consentimento, destacando como essas reações podem obscurecer a comunicação e a interpretação de intenções, impactando, assim, os engajamentos consensuais. Propomos que uma compreensão mais profunda e contextualizada é imperativa para prevenir interpretações equivocadas e a violência sexual, defendendo o desenvolvimento de políticas e pesquisas, que integrem uma quantidade maior de aspectos sobre o consentimento.

537

Palavras-chave: Comunicação Do Consentimento, Prevenção Da Violência Sexual, Educação Sobre Consentimento, Respostas Emocionais E Consentimento Sexual.

BEYOND YES AND NO: Theoretical challenges for understanding negotiation, decision, and communication of sexual consent

ABSTRACT

In this article, we explore the multifaceted aspects of sexual consent, examining its foundations for theoretical study, emotional underpinnings, and practical dimensions from the perspective of negotiation. We highlight the critical importance of this topic, advocating for the recognition of the need for a comprehensive analysis that integrates emotional, cultural, and legal frameworks. This integrative approach is used to examine how discrepancies or misunderstandings in negotiating consent can precipitate incidents of sexual violence. We argue that understanding consent as a fundamental principle is essential for preventing sexual violence. Our analysis addresses the

¹ Endereço eletrônico de contato: sergio.senna.pires@gmail.com

Recebido em 16/12/2024. Aprovado pelo conselho editorial para publicação em 06/03/2025.



emergence of such violence, attributing it not only to prevailing power dynamics but also to deficiencies in the negotiation and articulation of consent. We discuss the influence of emotional responses in decision-making processes related to consent, emphasizing how these reactions can obscure communication and interpretation of intentions, thereby impacting consensual engagements. We propose that a deeper and more contextualized understanding is imperative to prevent misinterpretations and sexual violence, advocating for the development of policies and research that integrate broader aspects of consent.

Keywords: Communication Of Consent, Prevention Of Sexual Violence, Consent Education, Emotional Responses And Sexual Consent.

MÁS ALLÁ DEL SÍ Y DEL NO: Desafíos teóricos para comprender la negociación, decisión y comunicación del consentimiento sexual

RESUMEN

En este artículo, exploramos los aspectos multifacéticos del consentimiento sexual, examinando sus bases para el estudio teórico, los fundamentos emocionales y las dimensiones prácticas desde la perspectiva de la negociación. Destacamos la importancia crítica de este tema, defendiendo el reconocimiento de la necesidad de un análisis integral que integre los marcos emocionales, culturales y jurídicos. Este enfoque integrador se utiliza para examinar cómo las discrepancias o los malentendidos en la negociación del consentimiento pueden precipitar incidentes de violencia sexual. Argumentamos que comprender el consentimiento como un principio fundamental es esencial para prevenir la violencia sexual. Nuestro análisis aborda el surgimiento de este tipo de violencia, atribuyéndolo no solo a las dinámicas de poder prevalentes, sino también a las deficiencias en la negociación y articulación del consentimiento. Discutimos la influencia de las respuestas emocionales en los procesos de toma de decisiones relacionados con el consentimiento, destacando cómo estas reacciones pueden oscurecer la comunicación y la interpretación de intenciones, impactando así los compromisos consensuados. Proponemos que una comprensión más profunda y contextualizada es imperativa para prevenir malentendidos y la violencia sexual, abogando por el desarrollo de políticas e investigaciones que integren una mayor cantidad de aspectos sobre el consentimiento.

538

Palabras clave: Comunicación Del Consentimiento, Prevención De La Violencia Sexual, Educación Sobre El Consentimiento, Respuestas Emocionales Y Consentimiento Sexual.

1 INTRODUÇÃO

No campo das relações humanas, compreender e comunicar o consentimento sexual envolve uma complexa mistura de sutilezas práticas e semióticas. Essas complexidades manifestam-se tanto em parcerias íntimas quanto em interações casuais. Nesse contexto, com o presente estudo pretendemos explorar as dimensões teóricas do consentimento sexual, partindo de um breve levantamento bibliográfico sobre as abordagens psicológicas contemporâneas presentes na literatura científica. Além disso, vamos apresentar como as emoções influenciam a tomada de decisão em interações íntimas. Também discutimos os componentes teóricos do

consentimento sexual, destacando suas tensões, negociações e aspectos intervenientes mencionados na literatura.

Em nossa análise, empregamos o referencial teórico da Psicologia Cultural para estudar as nuances do consentimento sexual. Essa abordagem permite explorar como os contextos culturais orientam a compreensão e a expressão do consentimento, revelando camadas de complexidade muitas vezes negligenciadas em avaliações psicológicas mais diretas e abreviadas. A Psicologia Cultural oferece uma abordagem multifacetada ao consentimento sexual. No entanto, a exploração detalhada desses elementos teóricos está além do escopo deste estudo. Cada um dos temas atinge uma profundidade de significado desafiadora para expressar, tão brevemente, no escopo deste trabalho. Sobre isso, recomendamos que os leitores consultem textos fundamentais da Psicologia Cultural (por exemplo, Valsiner, 2007, 2014, 2020, 2021; Valsiner et al., 2016) para uma compreensão mais abrangente. Sobre isso, Pires (2023c) explica os princípios básicos e a característica integrativa dessa abordagem teórica e os profundos impactos das dinâmicas culturais nos comportamentos individuais e coletivos em relação ao consentimento. Nesse sentido, a Psicologia Cultural destaca como os indivíduos, ativamente, contribuem para orientar e redefinir a cultura coletiva, ao longo do tempo. Além disso, temos que considerar a necessidade de dispormos de novas metodologias e instrumentos para estudarmos os fenômenos psicológicos, como Watzlawik e Salden (2022) argumentam.

A relevância do nosso estudo é destacada pelo foco na interpretação cultural do consentimento sexual, no contexto das emoções envolvidas e na necessidade crítica de reconhecer e interpretar, com precisão, os seus indicadores para prevenir a violência sexual a partir de uma análise multidimensional do consentimento.

539

2 DESEJOS NÃO SÃO DECRETOS – CONSENTIMENTO COMO FUNDAMENTO PARA A PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA SEXUAL

Evidências históricas, desde as pinturas rupestres na Serra da Capivara, no Brasil, até o Épico de Gilgamesh, ressaltam que a violência tem sido uma constante desde a pré-história humana (Fernández-Götz & Roymans, 2018; Pires, 2023b). Esses registros revelam não apenas a longevidade da violência, mas também a sua complexidade e as várias formas que assumiu ao longo do tempo. Nossa compreensão da violência evoluiu além das definições tradicionais, como as sugeridas por Michauld (1989). Agora, adotamos perspectivas mais amplas para explorar as dimensões significativas desse fenômeno persistente e abrangente (Pires, 2023b).

Portanto, é fundamental adotar uma abordagem expansiva ao analisar fenômenos específicos como a violência sexual, que não surge apenas do poder e do controle, mas também de falhas críticas na negociação do consentimento, entre outras causas possíveis. A violência

sexual ilustra as dinâmicas intrincadas de poder, intenção, desejo e os desafios de negociar e compreender o consentimento. Em uma discussão relacionada ao domínio e às disputas de poder, Pires (2023a) propõe uma nova definição de violência, descrevendo-a como um fenômeno multifacetado:

“Violência é qualquer comportamento utilizado por indivíduos, grupos ou sistemas cibernéticos digitais para, assimetricamente, impor suas decisões ou desejos sobre outros, ignorando normas ou valores universais e potencialmente causando danos” (Pires, 2023a, p. 8031).

De acordo com essa definição, a violência ocorre quando: (1) os desejos e vontades de um indivíduo, grupo ou sistema cibernético, agindo em nome de humanos; (2) impõem-se sobre outros; (3) promovendo e sustentando uma assimetria marcante; (4) desconsiderando convenções sociais, leis, valores universais ou acordos informais; e (5) gerando o potencial de causar danos dos mais variados tipos. Embora não exaustiva, essa definição inclui a violência sexual, mostrando sua natureza multifacetada e o papel crítico da negociação fracassada do consentimento. Em relacionamentos pessoais, tais expressões vão além da força física para incluir a dominação intelectual, financeira ou emocional, frequentemente disfarçadas em várias formas.

Portanto, combater, efetivamente, a violência sexual requer uma estratégia abrangente que aborde todos os aspectos definidos em nossa definição multidimensional de violência (Pires, 2023a). Para abordar a complexidade do fenômeno, começamos com questões relacionadas às emoções e aos desejos, como um desses aspectos, o que discutiremos a seguir.

540

3 O QUE A PESQUISA CIENTÍFICA REVELA SOBRE AFETO, EMOÇÕES E HUMORES?

Considerar as emoções é essencial para interpretar interações cotidianas e alcançar uma compreensão mais abrangente do comportamento sexual e do consentimento dentro dos processos de tomada de decisão. Nesse contexto, as emoções regulam, significativamente, as interações sexuais e afetam diretamente como o consentimento é decidido, comunicado e compreendido. Nesse sentido, a dimensão emocional está intimamente relacionada à nossa capacidade de interpretar e de responder a sinais sociais e pessoais das mais diversas formas. Além disso, intenções ocultas, problemas de saúde mental e o uso de substâncias psicoativas podem influenciar os processos afetivos, cognitivos e a resultante tomada de decisão.

Sob uma perspectiva teórica, compreender esse tema nos ajuda a reconhecer como os estados emocionais orientam comportamentos complexos e a negociação do consentimento. Esses comportamentos são influenciados tanto por reações imediatas, quanto por estados emocionais

prolongados e difusos, como os humores. Um aspecto que introduz elevada complexidade nas análises diz respeito ao desafio de definir conceitos frequentemente confundidos, tais como afeto, humor e emoções no estudo das emoções e fenômenos relacionados (Scheel, 2017). Embora esses termos, que são utilizados na literatura científica, não raras vezes, de forma intercambiável, descrevam estados psicológicos únicos que desempenham papéis específicos nas experiências humanas, sua precisão ainda precisa ser melhorada.

O termo "afeto" é amplo e abrange todos os sentimentos vivenciados pelos indivíduos. Inclui tanto emoções quanto humores e engloba as mudanças experimentais, fisiológicas e comportamentais associadas aos estados emocionais. O afeto é o termo fundamental usado para descrever as dimensões de valência e excitação nos sentimentos. É crucial para entender como os indivíduos interagem com o mundo e criam experiências significativas por meio de processos semióticos (Valsiner, 2020).

O humor difere das emoções por ser um estado mais prolongado, menos intenso e mais propenso a ser desencadeado por um evento inespecífico (Pace-Schott et al., 2019). Esses autores argumentam que os humores duram mais tempo do que as emoções e, normalmente, não interrompem atividades em andamento. Eles afetam sutilmente a cognição e a percepção, alterando o próprio humor, em uma ação recursiva, e a perspectiva geral de uma pessoa por um período prolongado no tempo. Além disso, humores não possuem um início ou fim definidos e não estão direcionados a objetos ou eventos específicos.

Por outro lado, Ekkekakis e Zenko (2021) observam que as emoções são mais específicas, intensas e de curta duração do que os humores. Elas geralmente respondem a eventos ou situações específicas e têm uma causa clara e identificável. As emoções estão ligadas a reações fisiológicas específicas e podem motivar ações. A duração das emoções e dos humores também difere significativamente. Emoções são experiências intensas e breves que surgem rapidamente em resposta a estímulos específicos.

Outra diferença significativa é o foco. Emoções, frequentemente, têm como alvo pessoas, objetos ou situações específicas. Essa característica das emoções ajudou os pesquisadores a observarem respostas emocionais, que são acessíveis por meio de métodos científicos atuais (Jacob-Dazarola et al., 2021). Já os humores carecem de um foco direcionado e não são desencadeados por alvos específicos.

Além disso, tanto emoções quanto humores impactam a cognição de maneiras distintas. Emoções, intensas e abruptas, podem alterar rápida e significativamente nossa percepção e reações, muitas vezes influenciando decisões e julgamentos (Van Kleef & Côté, 2022). Em contraste, os humores influenciam a cognição de forma sutil e gradual, afetando nossa disposição ao longo do tempo.

A distinção entre humor e emoção é destacada em várias abordagens teóricas, incluindo teorias cognitivas, biológicas, psicanalíticas e comportamentais. Essas aproximações oferecem

percepções distintas sobre os indicadores e os efeitos dos processos emocionais e de humor no comportamento humano, em diferentes contextos, alinhando-se à fragmentação do conhecimento observada no estudo científico do ser humano (Martin & Gillespie, 2010).

Sob a perspectiva da Psicologia Cultural, Jaan Valsiner (2020) destaca o afeto como algo que surge de interações contínuas e dinâmicas que vão além dos pontos de vista tradicionais sobre emoções e humores. Ele sugere que o afeto, fundamental para a experiência diária humana, está enraizado tanto em sensações físicas quanto em processos semióticos complexos que orientam como os indivíduos percebem e interagem com o ambiente. Essa perspectiva destaca que emoções e humores são elementos fundamentais no contínuo fluxo de experiências que orientam a existência humana.

Nesse contexto, Valsiner descreve o afeto como uma experiência complexa que combina respostas corporais com interpretações culturais. Ele destaca o papel dos campos semióticos generalizados como referenciais interpretativos que ajudam os indivíduos a compreenderem as experiências sensoriais, emocionais e cognitivas.

Esses campos semióticos auxiliam na compreensão do afeto dentro de contextos sociais e culturais e de como alinhamos nossas respostas afetivas às normas e expectativas culturais. Por exemplo, um campo semiótico pode orientar como um indivíduo responde à tristeza, vinculando-a a comportamentos ou expressões culturalmente específicas. A expressão “cara de enterro”, por exemplo, demonstra um significado social esperado para tristeza, em determinado contexto, fenômeno que independe do real estado emocional do indivíduo. Assim, o afeto é tanto uma experiência física quanto uma interpretação, impulsionada por interações contínuas com o ambiente.

De acordo com Valsiner, o afeto não é estático, mas sim um processo dinâmico e contínuo. Essa ótica enfatiza a complexidade do afeto, sugerindo que ele é melhor compreendido como parte de uma síntese contínua de experiências humanas contextualizadas, em vez de meras reações a eventos específicos.

Dada a complexidade dos estados afetivos e a variedade de teorias sobre eles, este estudo foca em como as respostas emocionais influenciam a tomada de decisão no consentimento sexual, o que exploraremos a seguir.

4 O PAPEL DAS EMOÇÕES NO CONSENTIMENTO SEXUAL E SEUS DESDOBRAMENTOS

Um aspecto crítico do consentimento sexual é o papel das emoções na influência tanto da consensualidade quanto da imposição agressiva de desejos e decisões. De acordo com estudos recentes (Flecha et al., 2020; Davis, 2023; McKeen et al., 2022; Wesche et al., 2021), existe uma

correlação direta entre o comportamento sexual e as respostas emocionais, o que adiciona mais uma camada de complexidade ao estudo do consentimento.

Embora as teorias atuais ofereçam percepções valiosas, elas não capturam, completamente, o espectro do fenômeno emocional e suas interações com outros processos psicológicos. Além disso, é crucial reconhecer que as teorias das emoções se baseiam predominantemente em respostas emocionais observáveis, dada nossa capacidade limitada de investigar aspectos emocionais ocultos (Pires, 2023c, 2024b). No entanto, isso não diminui a existência ou a relevância do fenômeno emocional e suas interações com a tomada de decisão e outros processos e funções psicológicas.

Ao examinarmos as respostas emocionais fundamentais — como ativação fisiológica, a experiência subjetiva e a motivação para ação —, conforme descrito por Barrett e Westlin (2021), podemos discernir como essas respostas influenciam decisões relacionadas ao consentimento, em contextos íntimos. A ativação fisiológica, por exemplo, inicia um complexo ciclo de retroalimentação de sensações que os indivíduos interpretam de maneiras diversas (Tyng et al., 2017). Essa diversidade destaca como as respostas fisiológicas podem tanto facilitar quanto dificultar a consistência comportamental, dependendo do contexto cultural e da resiliência do indivíduo a pressões e aos impulsos fisiológicos. Em certos cenários, processos psicológicos básicos podem superar funções cognitivas superiores, sugerindo que a racionalidade nem sempre regula os desejos, de forma eficiente (Pires, 2023b).

A percepção subjetiva introduz outra camada de complexidade, enfatizando como os indivíduos interpretam as emoções de forma única. A capacidade de reinterpretar experiências passadas, dentro do contexto de novas emoções, demonstra a evolução adaptativa e contínua dos sistemas complexos (Wang & Yin, 2023). Essas experiências emocionais reinterpretadas desempenham um papel significativo na formação de novos ciclos de tomada de decisão e consentimento.

As expressões comportamentais e as predisposições à ação conectam as emoções diretamente aos movimentos físicos e motivações, ilustrando como as interações humanas são orientadas por uma matriz complexa de fatores. Em ambientes dinâmicos e não estruturados, o potencial para comportamentos variados é vasto, já que emoções idênticas podem desencadear ações diferentes, dependendo do contexto e das nuances individuais, aderindo aos princípios de multi- e da equifinalidade (Pires, 2023b).

Consideremos um cenário hipotético em que Samanta e Bruno se encontram em um evento social e descobrem um interesse mútuo. À medida que interagem, torna-se evidente a influência de fatores emocionais e psicológicos, incluindo o consumo moderado de bebidas alcoólicas disponíveis no evento. Inicialmente, ambos experimentam sinais fisiológicos de interesse — frequência cardíaca aumentada e tensão muscular —, frequentemente associados à atração. A percepção dessa ativação fisiológica não apenas informa cada um sobre seu próprio estado emocional, sua

manifestação na movimentação também é observável por meio de pistas não verbais, como contato visual prolongado, manutenção da proximidade ou pela linguagem corporal receptiva (Blunt-Vinti et al., 2019).

À medida que a interação avança, Samanta percebe a empolgação de Bruno como atração e um desejo potencial de um contato mais próximo, o que promove a sua correspondência entusiasmada. Sua percepção, também, é orientada por experiências passadas, expectativas em relação ao evento, desejos pessoais e sua interpretação das pistas sociais e físicas de Bruno.

Quando chega o momento de agir, Bruno, influenciado por papéis de gênero tradicionais ou roteiros sexuais que esperam que homens tomem a iniciativa, e sentindo-se ansioso e desejoso, expressa verbalmente seu interesse em estreitar a conexão na dimensão do contato físico. Essa decisão reflete um intrincado jogo entre estados emocionais atuais, resultados esperados, experiências passadas e normas sociais relacionadas ao consentimento sexual.

Samanta recebe a mensagem de Bruno e reflete sobre sua disposição e conforto com a situação. Sua decisão sobre o consentimento é influenciada por uma variedade de fatores emocionais, desejos, experiências passadas, sua interpretação das intenções de Bruno e as expectativas sociais vinculadas. Samanta comunicará sua decisão a Bruno de diversas maneiras possíveis, algumas das quais podem levar a novas interações emocionais e decisões conflitantes ou até mesmo paradoxais.

Esse exemplo ilustra como: (1) a ativação fisiológica; (2) a percepção subjetiva; e (3) a tendência à ação, as três dimensões básicas das emoções (Barrett & Westlin, 2021) estão profundamente interligadas no complexo processo de tomada de decisão sobre o consentimento sexual. Esse processo envolve numerosos fatores — biológicos, psicológicos, sociais, históricos e culturais —, ressaltando a necessidade de que adotemos uma compreensão profunda e abrangente das emoções e sua interação com outros processos sociais e psicológicos.

544

5 O DESAFIO CULTURAL NA INTERPRETAÇÃO DO CONSENTIMENTO SEXUAL

A cultura coletiva e os desejos individuais influenciam, significativamente, a interpretação dos sinais de consentimento. Normas sociais e expectativas culturais orientam como expressamos e compreendemos o desejo e o consentimento sexual (Setty, 2021). Enquanto algumas culturas priorizam a comunicação verbal direta, outras dependem mais de sinais não verbais. Essa diversidade pode levar à ocorrência de mal-entendidos, especialmente em contextos interculturais, onde as normas de comunicação diferem consideravelmente (Wood et al., 2019). Além disso, a comunicação, por sua natureza, omite detalhes, pois é impossível abranger todos os aspectos de maneira completa. Ademais, em contextos marcados por crenças enviesadas ou preconceitos, os

desejos inerentes à sexualidade podem motivar os indivíduos a ignorar os sinais de não consentimento (Marcantonio et al., 2024).

Nessa mesma direção, Magnusson e Stevanovic (2023) destacam a complexidade na interpretação dos sinais de consentimento sexual, os quais são componentes essenciais, mas desafiadores, da comunicação humana. Além das expressões verbais, há camadas sobrepostas e, às vezes conflitantes, de elementos não verbais que são cruciais na construção do significado e na interpretação do consentimento.

Por exemplo, um entusiasmo óbvio pode sinalizar consentimento, enquanto sinais de desconforto ou hesitação podem sugerir o oposto. No entanto, interpretar esses sinais é complexo porque expressões indiretas de negação ou hesitação podem ser comportamentos culturalmente arraigados, levando a sinais mistos que complicam a negociação do consentimento sexual (Thi Nguyen & Strohl, 2019). Essas camadas comunicativas — linguagem corporal, expressões faciais e outros sinais não verbais — interagem de maneiras complexas, enriquecendo, mas também complicando a comunicação (Pires, 2024b).

Então, é essencial reconhecer a mutualidade, a voluntariedade e o entusiasmo para efetivamente transmitir o consentimento (Brady et al., 2022). Esses indicadores não verbais refletem engajamento. Respostas positivas, como um sorriso genuíno, inclinar-se em direção à outra pessoa ou um breve contato físico, podem indicar consentimento. Por outro lado, sinais de desconforto ou hesitação — evitar contato visual, tensão muscular, afastar-se — podem indicar não consentimento (Groggel et al., 2021). Esses sinais são orientados por emoções subjacentes e pelo contexto cultural, que afetam como os sinais não verbais são expressos e interpretados (Mast & Hall, 2017).

Apesar das dificuldades, compreender o papel das emoções e da comunicação não verbal na interpretação do consentimento é crucial. Emoções, como elementos dinâmicos e poderosos no nível intrapsicológico, influenciam como comunicamos nossas intenções e estabelecemos limites (Davis et al., 2023). Isso é particularmente importante em contextos de consentimento, nos quais os sinais não verbais — gestos, expressões faciais, postura, toque e tom de voz — desempenham papéis significativos ao sinalizar aceitação ou rejeição, em meio a fortes emoções e estados possivelmente alterados pelo uso de substâncias psicoativas.

É importante observar que as normas culturais mais recentes orientam a interpretação desses sinais seja realizada de forma crítica, cuidadosa e mais explícita. Entretanto, práticas culturalmente enraizadas e preconceituosas podem encorajar a minimização de expressões diretas de negação ou hesitação, levando a comunicações ambíguas sobre o consentimento (Magnusson & Stevanovic, 2023). A reação social negativa e o desconforto percebido ao expressar-se de forma clara em uma cultura misógina, por exemplo, mostram como normas culturais podem sustentar cenários potencialmente violentos. Além disso, enquadrar o consentimento no contexto de dinâmicas de poder e expectativas sociais aumenta, ainda mais, a complexidade da interpretação sobre as intenções (Baldwin-White, 2021).

Outro desafio teórico envolve considerar a agência humana, geralmente vista como a capacidade de tomada de decisão independente (Smith, 2015). No entanto, a autonomia não deve ser interpretada como independência completa. Esse ponto de vista simplificado não leva em conta as interações complexas entre os indivíduos e seus ambientes, cruciais para a tomada de decisão. Nesse sentido, a Teoria Geral dos Sistemas descreve um sistema autônomo como fechado, capaz de autorregulação sem interferência externa. Contudo, os humanos e seus sistemas — sociais, psicológicos e biológicos — são sistemas abertos, interagindo continuamente com seus ambientes (Pires, 2023c) em um ecossistema cultural.

Essas particularidades e a natureza contínua da interação humana significam que as decisões são influenciadas por uma multiplicidade de fatores, desde normas culturais e valores sociais até experiências pessoais e estados emocionais. Por exemplo, escolhas pessoais são frequentemente influenciadas por expectativas sociais, que podem definir ou restringir as opções disponíveis (Zhu, 2015). A autonomia, então, envolve a capacidade de navegar, influenciar e responder ao próprio contexto em um processo de trocas dinâmicas entre os sujeitos envolvidos.

Uma concepção mais profunda da autonomia humana reconhece essa interdependência com o ambiente e com os outros. Reconhece que as decisões emergem de um campo de influências mútuas aprimora nossa compreensão da autonomia, destacando a complexidade e a responsabilidade envolvidas na tomada de decisão (Martin & Gillespie, 2010). A verdadeira autonomia surge não do isolamento, mas da habilidade de se engajar criticamente e se adaptar às condições conforme surgem, permitindo melhores escolhas dentro das redes de interdependência que habitamos.

Portanto, sistematizar como os seres humanos interpretam, com precisão, os sinais verbais e não verbais é um desafio complexo que exige estudos dedicados. A profundidade emocional e a variabilidade individual na expressão e percepção desses sinais demandam um alto grau de empatia e compreensão interpessoal, essenciais mesmo em relacionamentos casuais. A diversidade de contextos, práticas, normas, valores sociais e subjetividades individuais conduz à necessidade de que se realize uma reflexão acadêmica mais ampla sobre o consentimento sexual. Esse será o foco de nossa discussão a seguir.

546

6 QUAIS SÃO OS DESAFIOS CONHECIDOS NA COMPREENSÃO ACADÊMICA DO CONSENTIMENTO SEXUAL?

Após abordar os desafios no estudo de fenômenos afetivos relacionados ao consentimento sexual, é necessário observar o que a literatura científica destaca sobre os inúmeros desafios, em diferentes contextos, relacionados ao consentimento sexual.

Assim, realizamos uma breve revisão da literatura (Burton et al., 2021; Flecha et al., 2020; Gagnon & Simon, 2017; Wood et al., 2019) e identificamos três áreas principais de estudo sobre o

consentimento sexual: (1) aspectos legais e socioculturais; (2) comunicação e percepção do consentimento; e (3) questões de saúde mental, incluindo a influência de substâncias psicoativas e as expectativas associadas. Cada categoria oferece perspectivas únicas para compreender e aplicar o conceito de consentimento sexual, enfatizando a necessidade da utilização de uma abordagem abrangente.

Com base nessa análise, identificamos dezenove questões críticas dentro dessas categorias, documentadas na pesquisa científica, que ilustram os vários desafios no estudo acadêmico, na aplicação prática e na interpretação do consentimento. Essas questões estão interconectadas e não devem ser consideradas isoladamente, destacando a natureza complexa do consentimento, em diferentes contextos.

6.1 Aspectos legais e socioculturais do consentimento

Os itens apresentados a seguir foram organizados com base em estudos relevantes da literatura acadêmica (Ford, 2018; Gruber, 2016; Jiwatram-Negron et al., 2023; Rubinsky, 2020; Schraiber et al., 2023; Shumlich & Fisher, 2020; Simpson, 2016), buscando sintetizar questões centrais relacionadas às definições e dinâmicas do consentimento sexual, considerando tanto as influências culturais quanto as implicações legais e sociais:

- Ambiguidade e inconsistência nas definições: diferentes estruturas legais frequentemente fornecem definições vagas ou sobrepostas de consentimento, dificultando a padronização e a compreensão clara. Raramente essas definições especificam o que exatamente constitui consentimento em termos de ações ou palavras.
- Discrepâncias entre definições legais e percepções pessoais: as definições legais de consentimento podem não se alinhar com os entendimentos pessoais, potencialmente levando a confusões e mal-entendidos nas interações.
- Roteiros sexuais e normas sociais: as expectativas culturais e os papéis de gênero influenciam significativamente como o consentimento é expresso e interpretado, às vezes assumindo, por exemplo, que a ausência de resistência equivale ao consentimento. Os roteiros sexuais atuam como formas de canalização cultural que guiam comportamentos e expectativas individuais sobre sexualidade dentro de uma sociedade.
- Conflitos entre práticas culturais e padrões legais: normas relacionadas ao uso de álcool e interações sexuais frequentemente entram em conflito com definições legais de consentimento, onde a prevalência da violência sexual pode refletir a influência avassaladora dos desejos, apesar das normas legais ou sociais.
- Conformidade sexual: ocorre quando um indivíduo concorda em participar de atividades sexuais sem desejo genuíno, muitas vezes para satisfazer um parceiro, evitar conflitos ou atender

expectativas percebidas. Esse comportamento, motivado por pressões externas em vez de desejo pessoal, pode levar a resultados emocionais negativos, apesar de ser consensual.

- Preconceitos no consentimento sexual: frequentemente originam-se de normas culturais de gênero, como a expectativa de que homens devem sempre estar dispostos a se envolver em atividades sexuais, pressionando-os a consentir em situações indesejadas para afirmar sua masculinidade. Essa crença não apenas afeta as experiências pessoais dos homens, mas também reforça o papel das mulheres na manutenção dessas expectativas culturais em interações sexuais.

6.2 Comunicação e percepção do consentimento

As questões relacionadas à comunicação e interpretação do consentimento sexual revelam dinâmicas complexas e multifacetadas, refletindo a influência de fatores culturais, de gênero e individuais. A seguir, são apresentados aspectos destacados em estudos recentes (Buwono & Tyas, 2021; Pazos, Cash, & Russell, 2024; Williams, 2019; Willis & Jozkowski, 2019), que contribuem para um entendimento mais amplo dos desafios envolvidos nesse tema:

- Modos de comunicar o consentimento: o consentimento é frequentemente transmitido de maneira passiva, indireta e não verbal, aumentando o risco de interpretações equivocadas e mal-entendidos.
- Tendências perceptuais: há uma tendência, particularmente entre homens, de superestimar o interesse sexual das mulheres com base em comportamentos ambíguos, aumentando a probabilidade de mal-entendidos ou violência.
- Falta de comunicação direta: muitos indivíduos evitam discussões explícitas sobre consentimento, preferindo sinais não verbais ou sutis, o que pode levar a interpretações erradas. Essa tendência é particularmente observada em culturas ocidentais.
- Diferenças de gênero na interpretação do consentimento: homens e mulheres podem interpretar sinais de consentimento de maneira diferente, influenciados por atitudes sexistas arraigadas.
- Variabilidade na interpretação do consentimento: o que é considerado consentimento pode variar amplamente entre indivíduos, influenciado por fatores pessoais, culturais e situacionais.
- Provisionalidade do consentimento: consentimento anterior não implica em concordância contínua.
- Interpretação equivocada de comportamentos como consentimento: ações como despir-se ou engajar-se em atos preliminares não são universalmente aceitas como sinais definitivos de consentimento.
- Comunicação enganosa: ocorre quando alguém finge interesse e expressa mais afeto do que realmente sente, possivelmente para agradar ou apaziguar o parceiro. Esse

comportamento pode gerar confusão sobre as intenções reais e a disposição, ao mascarar desinteresse ou desconforto genuíno para proteger os sentimentos do outro.

6.3 Saúde mental, substâncias psicoativas e expectativas individuais e sociais

As interseções entre saúde mental, o uso de substâncias psicoativas e as expectativas sociais e individuais desempenham um papel fundamental nas dinâmicas do consentimento sexual. A seguir, são apresentados aspectos essenciais levantados na literatura (Beck & Deffenbacher, 2000; Ibieta, 2023; Jozkowski & Hoffacker, 2023; Murphy & Young, 2018; Pires, 2024a), que evidenciam os desafios legais, culturais e cognitivos envolvidos no processo de negociação do consentimento:

- Efeitos do uso de substâncias: o consumo voluntário de substâncias como o álcool pode alterar a capacidade de uma pessoa dar consentimento, com os referenciais legais, frequentemente, falhando em abordar como tal consumo impacta a validade do consentimento.
- Interpretação equivocada do estado de embriaguez: estar inebriado é frequentemente interpretado, equivocadamente, como um sinal de consentimento, apesar das normas legais sugerirem o contrário.
- Desafios na avaliação da incapacidade: determinar quando o consumo de substâncias psicoativas invalida o consentimento é complexo e aberto a inúmeras interpretações.
- Expectativas relacionadas ao álcool e papéis de gênero: suposições sobre os efeitos do álcool na disposição sexual e os papéis específicos de gênero na iniciativa sexual podem distorcer percepções sobre consentimento.
- Erros cognitivos: imprecisões nos processos cognitivos inferenciais, cruciais para a tomada de decisão, podem comprometer a capacidade de um indivíduo consentir ou interpretar os indicadores do consentimento sexual voluntário.

549

Essas três categorias destacam a natureza multidimensional do consentimento sexual, abrangendo desde estruturas legais e culturais amplas até interações individuais e processos intrapsicológicos. Abordar o consentimento sexual como um processo de negociação multifatorial, sob a ótica da Psicologia Cultural, evidencia sua natureza situacional, exigindo abordagens adaptadas a cada caso de consentimento ou prevenção de abuso sexual. Isso inclui considerar como normas estabelecidas podem não abordar adequadamente as nuances da negociação de consentimento.

Portanto, compreender o consentimento como um processo dinâmico e contínuo que exige comunicação clara e reafirmação é crucial, o que enfatiza a importância de adaptar-se às circunstâncias e percepções específicas envolvidas em cada interação. Além disso, a influência de substâncias e condições de saúde mental deve ser considerada no desenvolvimento de estratégias

eficazes para abordar o abuso sexual e os mal-entendidos relacionados ao consentimento, garantindo que as práticas em ambientes íntimos sejam seguras e respeitosas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo revela que episódios de violência sexual podem ocorrer sem que sejam, necessariamente, premeditados, uma realidade que evidencia a complexidade envolvida na negociação do consentimento. Historicamente definida, a violência se manifesta de várias formas, incluindo sua dimensão sexual, que é particularmente problemática devido à sua natureza profundamente pessoal e ao impacto emocional devastador nas vítimas. Esse fenômeno não apenas se apresenta como uma expressão de poder e controle, mas também surge, de forma mais sutil, a partir de questões relacionadas ao processo de negociação do consentimento sexual dentro de um ecossistema cultural, reforçando a necessidade de uma compreensão profunda e responsiva das dinâmicas envolvidas.

A definição ampliada de violência que apresentamos, o que inclui aspectos como a imposição de desejos e o desrespeito às normas sociais, é fundamental para compreender os contextos nos quais a violência sexual pode surgir. Não raras vezes, ela decorre de falhas na interpretação de intenções ou na comunicação do consentimento, associadas a questões legais, socioculturais, de comunicação, percepção, saúde mental e influência de substâncias, que são prevalentes em muitas situações cotidianas.

Também destacamos que as emoções influenciam, significativamente, as decisões relacionadas ao consentimento, podendo distorcer a percepção e o julgamento, afetando a capacidade de uma pessoa consentir de forma consciente e voluntária. Esse aspecto é amplificado pelas normas sociais e culturais que orientam a expressão e a interpretação do consentimento em diferentes culturas, conforme discutido em relação às respostas emocionais e ao papel da cultura e das normas sociais.

Outro aspecto relevante é a complexidade da comunicação do consentimento, que frequentemente envolve tanto sinais verbais quanto não verbais, como gestos e expressões faciais, que podem indicar tanto consentimento quanto hesitação. Essas nuances são particularmente críticas em contextos interculturais, onde diferenças nas normas de comunicação podem gerar mal-entendidos significativos, como explorado nas discussões sobre comunicação e percepção do consentimento.

O consentimento sexual é, portanto, um fenômeno complexo e multidimensional que demanda uma abordagem transdisciplinar para ser compreendido e aplicado de maneira eficaz. As análises realizadas destacam três dimensões principais: aspectos legais e socioculturais, comunicação e percepção do consentimento, e a relação com a saúde mental, incluindo o impacto do uso de substâncias psicoativas. Esses elementos evidenciam os desafios específicos que



surgem em cada área, ressaltando a necessidade de compreendermos o consentimento como um processo dinâmico e contínuo, influenciado por fatores culturais, individuais e situacionais.

Promover práticas seguras e respeitadas em interações íntimas requer a construção de estratégias que considerem essas múltiplas nuances, integrando abordagens educacionais, legais e preventivas. Além disso, é crucial avançarmos em estudos que aprofundem o entendimento sobre as dinâmicas de poder, desejos e respeito mútuo, com o objetivo de prevenir a violência sexual. Então, reconhecermos a complexidade do consentimento sexual e seus determinantes permite não apenas fortalecer a proteção e a clareza nas interações, mas também criar bases mais sólidas para a construção de relações fundamentadas em respeito e segurança.

8 REFERÊNCIAS

- Baldwin-White, A. (2021). "When a girl says no, you should be persistent until she says yes": College students and their beliefs about consent. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(19-20), NP10619-NP10644. <https://doi.org/10.1177/0886260519875552>.
- Barrett, L. F., & Westlin, C. (2021). Navigating the science of emotion. In H. L. Meiselman (Ed.), *Emotion measurement* (pp. 39-84). Woodhead Publishing. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-821124-3.00002-8>.
- Beck, A. T., & Deffenbacher, J. L. (2000). *Prisoners of hate: The cognitive basis of anger, hostility, and violence*.
- Brady, S. S., Saliars, E., Kodet, A. J., Rothberg, V., Schonfeld Hicks, M., Hager-Garman, E., & Porta, C. M. (2022). Communication about sexual consent and refusal: A learning tool and qualitative study of adolescents' comments on a sexual health website. *American Journal of Sexuality Education*, 17(1), 19-56. <https://doi.org/10.1080/15546128.2021.1953658>.
- Burton, O., Rawstorne, P., Watchirs-Smith, L., Nathan, S., & Carter, A. (2021). Teaching sexual consent to young people in education settings: A narrative systematic review. *Sex Education*, 23(1), 18-34. <https://doi.org/10.1080/14681811.2021.2018676>.
- Buwono, H. A., & Tyas, T. H. (2021). Understanding the importance of sexual consent among university students. *Jurnal Psikologi*, 48(3), 240-255. <https://doi.org/10.22146/jpsi.64969>.
- Davis, D., Cano, J., Miller, G., & Loftus, E. (2023). The multiple roles of emotion in interpretation and memory of sexual consent. *Topics in Cognitive Science*. <https://doi.org/10.1111/tops.12691>.
- Ekkekakis, P., & Zenko, Z. (2021). Measurement of affective responses to exercise: From "affectless arousal" to "the most well-characterized" relationship between the body and affect. In H. L. Meiselman (Ed.), *Emotion measurement*, 299-321. <https://doi.org/10.1016/b978-0-08-100508-8.00012-6>.
- Fernández-Götz, M., & Roymans, N. (2018). *Conflict archaeology: Materialities of collective violence from prehistory to late antiquity*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315144771>.
- Flecha, R., Tomás, G., & Vidu, A. (2020). Contributions from psychology to effectively use, and *Rev. Psicol Saúde e Debate*. Mar., 2025;11(1): 537-555.



achieving sexual consent. *Frontiers in Psychology*, 11, 506462.
<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.00092>.

Ford, J. V. (2018). "Going with the flow": How college men's experiences of unwanted sex are produced by gendered interactional pressures. *Social Forces*, 96(3), 1303–1324.
<https://doi.org/10.1093/sf/sox066>.

Ibieta, D. P. T. (2023). Consentimento sexual em estudantes universitários: Revisão integrativa de literatura. (Masters Thesis, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, SP).

Gagnon, J. H., & Simon, W. (2017). *Sexual conduct: The social sources of human sexuality*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315129242>.

Groggel, A., Burdick, M., & Barraza, A. (2021). She left the party: College students' meanings of sexual consent. *Violence against women*, 27(6-7), 766-789.
<https://doi.org/10.1177/1077801220911462>.

Gruber, A. (2016). Consent confusion. *Cardozo Law Review*, 38, 415. Recuperado de
<https://scholar.law.colorado.edu/faculty-articles/11>.

Jacob-Dazarola, R., Nicolás, J. C. O., & Bayona, L. C. (2021). Behavioral measures of emotion. In H. L. Meiselman (Ed.), *Emotion measurement*, (pp. 197-223). Woodhead Publishing.
<https://doi.org/10.1016/b978-0-08-100508-8.00005-9>.

Jiwatram-Negron, T., Peitzmeier, S., Meinhart, M., Vasiliou, N., Nikitin, D., & Gilbert, L. (2023). Associations between transactional sex and intimate and non-intimate partner violence: Findings from project wings of hope. *Journal of Family Violence*, 38, 161-173.
<https://doi.org/10.1007/s10896-021-00353-7>.

Jozkowski, K. N., & Hoffacker, C. (2023). How drunk is "Too Drunk" to consent?: A summary of research on alcohol intoxication and sexual consent. In *Consent* (pp. 88-104).
<https://doi.org/10.4324/9781003358756-9>.

Magnusson, S., & Stevanovic, M. (2023). Sexual consent as an interactional achievement: Overcoming ambiguities and social vulnerabilities in the initiations of sexual activities. *Discourse Studies*, 25(1), 68-88. <https://doi.org/10.1177/14614456221119101>.

Marcantonio, T. L., Littlejohn, J., & Willis, M. (2024). Beyond "Yes" or "No"? Understanding the complexity of sexual consent and refusal communication. In *Advancing Sexual Consent and Agential Practices in Higher Education: Toward a New Community of Practice* (p. 229).
<https://doi.org/10.4324/9781003154075-15>.

Martin, J., & Gillespie, A. (2010). A neo-Meadian approach to human agency: Relating the social and the psychological in the ontogenesis of perspective-coordinating persons. *Integrative Psychological and Behavioral Science*, 44(3), 252-272. <https://doi.org/10.1007/s12124-010-9126-7>.

Mast, M. S., & Hall, J. A. (2017). The vertical dimension of social signaling. In J. K. Burgoon, N. Magnenat-Thalmann, & M. P. A. Vinciarelli (Eds.), *Social Signal Processing* (pp. 34-45).
<https://doi.org/10.1017/9781316676202.004>.

McKeen, B. E., Anderson, R. C., & Mitchell, D. A. (2022). Was it good for you? Gender differences in motives and emotional outcomes following casual sex. *Sexuality & Culture*, 26(4), 1339-1359. <https://doi.org/10.1007/s12119-022-09946-w>.



- Michaud, Y. (1989). *A violência*. Ática.
- Murphy, J. W., & Young, M. A. (2018). Dynamic processes in emotion regulation choice. *Cognition and Emotion*, 32(8), 1654-1662. <https://doi.org/10.1080/02699931.2017.1419935>.
- Pace-Schott, E. F., Amole, M. C., Aue, T., Balconi, M., Bylsma, L. M., Critchley, H., ... & VanElzaker, M. B. (2019). Physiological feelings. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, 103, 267-304. <https://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2019.05.002>.
- Pazos, L. A., Cash, D. K., & Russell, T. D. (2024). Yes, no, maybe so: The effects of relationship status on perceptions of inferred consent. *Journal of Interpersonal Violence*. <https://doi.org/10.1177/08862605231225515>.
- Pires, S. F. S. (2024a). Desvendando caminhos: Uma perspectiva integrada na Psicologia Cultural e na Teoria Cognitivo-Comportamental sobre a violência e o preconceito. In F. Alvarenga (Org.), *Pesquisas e estudos em psicologia: Ciência, profissão e ensino* (pp. 55-74). Bagai. <https://doi.org/10.37008/978-65-5368-348-8.26.02.2>.
- Pires, S. F. S. (2024b). Do intrincado ao adaptável: Desafios e perspectivas na análise da complexidade comportamental. In R. M. Santos (Org.), *Ciências humanas em perspectiva: Reflexões sobre cultura, sociedade e comportamento* 3 (pp. 142-161). <https://doi.org/10.22533/at.ed.68024020412>.
- Pires, S. F. S. (2023a). Enfrentamento sustentável e integral à violência e aos preconceitos na escola: Um desafio complexo, mas viável. *Revista Contemporânea*, 3(7), 8012-8038. <https://doi.org/10.56083/RCV3N7-036>.
- Pires, S. F. S. (2023b). A violência como expressão dos desejos e das decisões humanas no ambiente acadêmico. In F. Alvarenga (Org.), *Novos estudos em ciências humanas* (pp. 175-190). Dialética. <https://doi.org/10.48021/978-65-270-0788-3-C8>.
- Pires, S. F. S. (2023c). Psicologia Cultural: Uma poderosa abordagem para a compreensão dos fenômenos humanos complexos. *Revista Contemporânea*, 3(11), 19896–19920. <https://doi.org/10.56083/RCV3N11-004>.
- Rubinsky, V. (2020). Sexual compliance in understudied relationships. *Communication Studies*, 71(5), 879–895. <https://doi.org/10.1080/10510974.2020.1807374>.
- Setty, E. (2021). Sex and consent in contemporary youth sexual culture: The 'ideals' and the 'realities'. *Sex Education*, 21(3), 331-346. <https://doi.org/10.1080/14681811.2020.1802242>.
- Scheel, T. (2017). Definitions, Theories, and Measurement of Humor. In: T. Schel, & C. Gockel (Eds.), *Humor at Work in Teams, Leadership, Negotiations, Learning and Health*. SpringerBriefs in Psychology. Springer, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-319-65691-5_2
- Scheel, T., Gockel, C., & Scheel, T. (2017). Definitions, theories, and measurement of humor. *Humor at work in teams, leadership, negotiations, learning and health*, 9-29. https://doi.org/10.1007/978-3-319-65691-5_2.
- Schraiber, L. B., et al. (2023). Violência sexual contra mulheres por parceiro íntimo e desigualdade de gênero na voz dos profissionais da Atenção Primária à Saúde. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 27, e220656. <https://doi.org/10.1590/interface.220656>.
- Shumlich, E. J., & Fisher, W. A. (2020). An exploration of factors that influence enactment of
- Rev. Psicol Saúde e Debate*. Mar., 2025;11(1): 537-555.



- affirmative consent behaviors. *The Journal of Sex Research*, 57(9), 1108-1121. <https://doi.org/10.1080/00224499.2020.1761937>.
- Simpson, B. (2016). Why has the concept of consent proven so difficult to clarify? *The Journal of Criminal Law*, 80(2), 97-123. <https://doi.org/10.1177/0022018316639104>.
- Smith, R. (2015). Agency: A historical perspective. In C. W. Gruber, M. G. Clark, S. H. Klempe, & J. Valsiner (Eds.), *Constraints of agency: Explorations of theory in everyday life* (pp. 3-29). https://doi.org/10.1007/978-3-319-10130-9_1.
- Thi Nguyen, C., & Strohl, M. (2019). Cultural appropriation and the intimacy of groups. *Philosophical Studies*, 176(4), 981-1002. <https://doi.org/10.1007/s11098-018-1223-3>.
- Tyng, C. M., Amin, H. U., Saad, M. N., & Malik, A. S. (2017). The influences of emotion on learning and memory. *Frontiers in psychology*, 8, 235933. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.01454>.
- Valsiner, J. (2021). *General human psychology*. Springer. <https://doi.org/10.1007/978-3-030-75851-6>.
- Valsiner, J. (2020). *Sensuality in human living: The cultural psychology of affect*. Cham: Springer. <https://doi.org/10.1007/978-3-030-41743-7>.
- Valsiner, J. (2014). *An Invitation to Cultural Psychology*. <https://doi.org/10.4135/9781473905986>.
- Valsiner, J. (2007). *Culture in Minds and Societies: Foundations of Cultural Psychology*. New Delhi: Sage. <https://doi.org/10.4135/9788132108504>.
- Valsiner, J., Marsico, G., Chaudhary, N., Sato, T., & Dazzani, V. (2016). *Psychology as the science of human being: The Yokohama Manifesto*. <https://doi.org/10.1007/978-3-319-21094-0>.
- Van Kleef, G. A., & Côté, S. (2022). The social effects of emotions. *Annual review of psychology*, 73, 629-658. <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-020821-010855>.
- Wang, Y.-X., & Yin, B. (2023). A new understanding of the cognitive reappraisal technique: An extension based on the schema theory. *Frontiers in Behavioral Neuroscience*, 17, 1174585. <https://doi.org/10.3389/fnbeh.2023.1174585>.
- Watzlawik, M., & Salden, S. (2022). *Courageous Methods in Cultural Psychology*. Springer. <https://doi.org/10.1007/978-3-030-93535-1>.
- Wesche, R., Claxton, S. E., & Waterman, E. A. (2021). Emotional outcomes of casual sexual relationships and experiences: A systematic review. *The Journal of Sex Research*, 58(8), 1069-1084. <https://doi.org/10.1080/00224499.2020.1821163>.
- Williams, B. M. (2019). Nuances of touch: Embodying and communicating nonverbal consent in contact improvisation. (Master's thesis, University of British Columbia). <https://doi.org/10.14288/1.0386821>.
- Willis, M., & Jozkowski, K. N. (2019). Sexual precedent's effect on sexual consent communication. *Archives of Sexual Behavior*, 48, 1723-1734. <https://doi.org/10.1007/s10508-018-1348-7>.
- Wood, E. F., Rikkonen, K. J., & Davis, D. (2019). Definition, communication, and interpretation of sexual consent. In W. T. O'Donohue & P. A. Schewe (Eds.), *Handbook of sexual assault and sexual assault prevention* (pp. 399-421). https://doi.org/10.1007/978-3-030-23645-8_24.



Zhu, J. (2015). Agency in Life. In C. W. Gruber, J. Valsiner, M. G. Clark, & S. H. Klempe (Eds.), *Constraints of Agency: Explorations of Theory in Everyday Life* (pp. 89-94).
https://doi.org/10.1007/978-3-319-10130-9_5.